



Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli | ISSN 2316-1663 | V.2, N.1 | Jan. Jun. 2013

UMA POSSÍVEL REPRESENTAÇÃO DO MODERNISMO LITERÁRIO BRASILEIRO ATRAVÉS DAS EPÍSTOLAS TROCADAS ENTRE MÁRIO DE ANDRADE E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



A POSSIBLE REPRESENTATION OF LITERARY MODERNISM BRAZILIAN THROUGH THE EXCHANGED BETWEEN EPISTLES MARIO DE ANDRADE AND CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Manuel José Veronez de Sousa Júnior
UFU, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 31/03/2013 • APROVADO EM 24/08/2013

Abstract

This article presented aims to make an analysis and interpretation of the letters exchanged between Mário de Andrade and Carlos Drummond de Andrade during the period of six years, beginning in 1924 (the 1st letter) and going until 1930, the year that Drummond published his first book of poetry, called *Alguma Poesia*, reference point and base of Brazilian modernism, in which, from the 30s, consolidates the project of a Brazilian literature in accordance with the principles modernist agenda. It is, therefore, an article of Brazilian historiography and literary criticism, in that it seeks, through the study of documents such as letters, conferences,

depositions, among other sources, grasp the process of writing a story that reinvented building a new way of reading the tradition and the future of that literature. With the study of these documents, with emphasis on the letters in which Mario and Drummond discuss the preparation of the poems that will make the future book, we intend to seize the moment of a Brazilian Modernist literature in process, both from the perspective of the author as Paulicéia Desvairada reception criticism of the book's debut miner poet.



Resumo

Este artigo apresentado tem o objetivo de fazer uma análise e interpretação das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, durante o período de seis anos, começando em 1924 (a 1ª carta) e indo até 1930, ano em que Drummond publica seu primeiro livro de poesias, chamado *Alguma Poesia*, referência e ponto de base do modernismo brasileiro, no qual, a partir da década de 30, consolida-se o projeto de uma literatura brasileira em conformidade com os princípios modernistas em pauta. Trata-se, portanto, de um artigo de historiografia e crítica literária brasileira, na medida em que procura, por meio da pesquisa de documentos como cartas, conferências, depoimentos, entre outras fontes, apreender o processo de escrita de uma história que se reinventou construindo um novo modo de ler a tradição e o futuro dessa mesma literatura. Com o estudo desses documentos, com ênfase nas cartas em que Mário e Drummond debatem a elaboração dos poemas que irão compor o futuro livro, pretendemos apreender o momento de uma literatura brasileira modernista em processo, na perspectiva tanto do autor de Paulicéia Desvairada como da recepção crítica ao livro de estreia do poeta mineiro.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Epistolography. Written himself. Brazilian literary historiography. Brazilian modernist literatura. Mário de Andrade. Carlos Drummond de Andrade.

PALAVRAS CHAVE: Epistolografia. Escritas de si. Historiografia literária brasileira. Literatura modernista brasileira. Mário de Andrade. Carlos Drummond de Andrade.

Texto integral

Em uma carta, sem data exata, do ano de 1924, Mário de Andrade explica a Carlos Drummond de Andrade a necessidade de se construir uma identidade nacional dentro da literatura, para nos civilizarmos (e nos mostrarmos assim) perante as várias civilizações já existentes, nos tornando criadores, ao invés de copiadore, e com isso, poderemos desenvolver nossa própria arte literária:

Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais,

Após se recusar, no início, esta ideia de Mário, de nacionalizar o Brasil através da literatura, dizendo a ele que não há somente um modo de ser brasileiro, mas sim vários modos (por isso o problema da tentativa de nacionalização artística literária), Drummond, em Belo Horizonte, a 22 de novembro de 1924, enviando uma missiva a Mário de Andrade (MA), acaba reafirmando e aceitando essas ideias, destacando o processo de destruição e construção ao qual se passou e vai se passando o movimento modernista brasileiro, apresentando, desse modo, um pouco das características que vão se desenvolvendo dentro do nosso modernismo, a partir dos anos 20 e 30 para adiante. Mário compreende e afirma a razão de Drummond sobre haver vários jeitos de ser brasileiro, porém, aquele destaca a este, como ponto, a palavra ser, dizendo que esta também é vasta e infinita. Nesse corredor de possíveis e vários seres do ser brasileiro, segundo Mário de Andrade, é que encontraremos o ethos próprio brasileiro, o elemento criador de representação nacional. Além de se dizer (Drummond) não mais passadista, não mais cultuador das ideias antigas e tradicionais, não mais adepto a Anatole France e a suas ideias decadentes (isso, em 6 de fevereiro de 1925). Eis os trechos de Drummond, respectivamente:

Daí o aplaudir com a maior sinceridade do mundo a feição que tomou o movimento modernista nacional, nos últimos tempos: feição francamente construtora, após a fase inicial e lógica de destruição dos falsos valores. O que nós todos queremos (o que, pelo menos, imagino que todos queiram) é obrigar este velho e imoralíssimo Brasil dos nossos dias a incorporar-se ao movimento universal das ideias. Ou, como diz Manuel Bandeira, “enquadrar, situar a vida nacional no ambiente universal, procurando o equilíbrio entre os dois elementos”. Equilíbrio evidentemente difícil, dada a evidência da desproporção. (ANDRADE, Carlos Drummond de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.57).

e

Ah! Quando penso que também eu andei a esmo pelos jardins passadistas, colhendo e cheirando flores gramaticais, e bancando atitudes de sabedoria! Pois veio o imprevisto e me expulsou do jardim. Você, com duas ou três cartas valentes acabou o milagre. Converteu-me à terra. Creio agora que, sendo o mesmo, sou outro pela visão menos escura e mais amorosa das coisas que me rodeiam. Respiro com força. Berro um pouco. Disparo. Creio que sou feliz! (ANDRADE, Carlos Drummond de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.95).



Ainda dentro dessa ideia de influências e importâncias de uma nacionalidade, de criação de uma literatura tipicamente brasileira para trazer e reforçar um pensamento psicológico comum nacional, Mário de Andrade, em artigo publicado no seu livro de ensaios literários, Aspectos da literatura brasileira (1978), reforça mais e acrescenta contribuições que já estavam em suas cartas enviadas a Drummond (nesse caso até 1925), mostrando, no ensaio, o papel preparador e prenunciador do movimento modernista brasileiro (tanto para a arte literária, quanto para a sociedade brasileira), que de alguma maneira já trazia revoluções de pensamentos, bem como críticas fervorosas à arte e à sociedade como um todo, incluindo categoricamente a política:

Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional. (ANDRADE, 1978: 231).

Em relação à técnica e à estética desenvolvidas no modernismo, percebe-se uma ampliação (ou pelo menos uma reinterpretção) das ideias já existentes, assim como se vê também, criações primeiras e originais, surgindo como frutos dessa nova corrente questionadora e audaciosa que é o modernismo, trazendo atualizações artísticas brasileiras para o país, ainda não vistas e apreciadas até então. Em carta de 18 de fevereiro de 1925, enviada a Drummond, Mário apresenta algumas nuances desse trabalho técnico e estético que o modernismo fez exigir, diz dos preconceitos gramaticais ainda arraigados no homem culto brasileiro, dificultando, um pouco, o desenvolvimento gradativo desse novo movimento artístico que surgia. A questão, em relação à língua brasileira, era naturalizar (dentro da literatura modernista) aquilo que já tinha sido desnaturalizado pela normatização prescritiva e preconceituosa da gramática-luso-padrão:

Nessa estrada me meti. Sei que tudo está por fazer. E o que é pior, sei que uma palavra brasileira empregada na escrita soa pra todos como exotismo, regionalismo porque só como regionalismo exótico foi empregada até agora. Mas isso não é culpa do escritor que a não emprega mais assim mas a adota como sua maneira regular de expressão. Nem é culpa da palavra também. A culpa vem do preconceito civil adquirido na leitura dos livros cultos. Se munheca soa mal depois dos 15 anos de idade é porque o sujeito da cidade, mocinho faceiro e enfeitado de um despotismo de preconceitos inconscientemente hipócritas, nunca leu munheca em Fialho ou Machado de Assis e por isso se bota a policiar a língua que fala pras melindrosas do assunto e mesmo pros colegas de Academia. (ANDRADE, Mário de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.101).

Saindo do plano geral da técnica e da estética das palavras isoladas e indo para uma análise de versos poéticos propriamente, por exemplo, onde a poesia tenta se apresentar e se desenvolver, Mário, nessa mesma carta, continuará expondo os pensamentos surgidos para a técnica literária do modernismo brasileiro, falando de uns versos líricos de Carlos Drummond de Andrade, principalmente sobre sua utilização de artigos (definidos ou indefinidos):

Você já escapa com naturalidade do um galicismo nos seus poemas. Mas nem sempre. Aliás procure evitar o mais possível os artigos tanto definidos como indefinidos. Não só porque evita galicismo e está mais dentro das línguas hispânicas como porque dá mais rapidez e força incisiva pra frase. (ANDRADE, Mário de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.102).

Na sua crítica literária de 07 de janeiro de 1940, encontrada no livro *O empalhador de passarinho* (1972), Mário de Andrade reitera (de forma pública “oficial”ii) o que havia discutido em cartas com os escritores artísticos e intelectuais do modernismo, dentre eles Manuel Bandeira e Carlos Drummond, reafirmando a presença técnica e estética do modernismo:

Antiacadêmico por excelência, o Modernismo foi um violento ampliador de técnicas e mesmo criador de técnicas novas. Impôs o verso livre, hoje uma normalidade da nossa poética. Firmou uma atualização das artes brasileiras nunca dantes existentes; (ANDRADE, 1972: 188).

Nessas perspectivas, MA entendia o modernismo, no Brasil, como uma ruptura, um abandono de técnicas e princípios, instigando uma revolta contra o que ele chamava de Inteligência nacional, isto é, os valores, os costumes e as ideias científicas tradicionais que vigoravam no momento, contudo, havia um ponto que ainda incomodava (e que era quase fatal), de perceber que toda essa revolução (ou tentativa) não surgiu diretamente, simplesmente e exclusivamente pelo pensamento intelectual brasileiro, foi tudo fruto de influências estrangeiras, das vanguardas europeias, quer dizer, “foram diretamente importados da Europa” (ANDRADE, 1978: 236). Daí sua vontade de universalizar nossa cultura literária perante as outras culturas já há muito universalizadas. Mesmo tendo em nós resquícios de Europa, será a partir da reinterpretação e resignificação dessas ideias de fora, trazendo-as, de alguma maneira, para nosso tempo e momento situacional, que encontraremos o nosso elemento artístico literário universalizador, quer dizer, o ethos literário brasileiro.

Carlos Drummond de Andrade (CDA) em carta para Mário, em 6 de outubro de 1925, aborda um pouco esses pontos, questionando a MA sobre a escrita de algumas palavras (suas ortografias) da língua portuguesa (ou brasileira) que são de origens de outras línguas estrangeiras, as quais ainda permanecem se

escrevendo do jeito estrangeiro dentro da língua do Brasil. Desse modo, CDA dá algumas opiniões e apresenta a MA algumas possibilidades de se escrever tais palavras de uma outra maneira, porém, uma maneira exclusivamente brasileira. Mário, depois, em outra carta, entende a ideia de Drummond e fala a ele que para mudar por completo esses pontos e criar de fato uma gramática da língua brasileira, seria necessário fazer ainda muita coisa para isso e mudar bastante os pensamentos prescritos e normatizadores da gramática vigente, mas, por outro lado, MA diz a CDA também que as questões de ortografia podem ser coisas meramente habituais e convencionais, ou seja, simplesmente questão de se acostumar. Eis o trecho da carta de Drummond:

Estou inclinado a admitir como digno do respeito dos reformadores um único elemento, que vem a ser a plástica das palavras. Esta sim, se deve respeitar. Escrever horizonte é um pecado muito feio de que me penitencio em tempo. A questão é saber onde acaba a plástica e onde começa o chumaço. Porque o phy de physica não é carne, é chumaço. Agora física ou mesmo física é um bonito corpo que a gente vê com agrado. Outra dificuldade: tem gente que gosta de carnações repolhudas e outras que preferem as secas, espigadas. Vejo que sob este ponto de vista a questão é insolúvel. Simplificação respeitando o ar das palavras não dá um passo seguro. O corte tem que ser feito com outra orientação. Diga o nome de algum livro bom, que ilumine a questão. Preciso também de tua opinião sobre o problema do acento (meu Deus! Será um problema?), quando é preciso e quando não é preciso e que história é essa do acento grave, tão usado pelo Manuel Bandeira nas Poesias?

Outra coisa: em que é que você acha preferível a forma dize-lo à forma dizel-o? Dizêlo não será a melhor de todas? (ANDRADE, Carlos Drummond de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.146).

Passados dez dias dessa última carta de Drummond, Mário o escreve tentando responder suas indagações (como expressadas no parágrafo anterior), além de reforçar e estabelecer a ideia da construção nacional de uma literatura coerente, forte, qualitativa e quantitativa, isso em 16 de outubro de 1925. Ele apresenta também a importância das pontuações e das acentuações da gramática para a poesia, usadas em fins de se possuir um ritmo psicológico específico para uma criação literária brasileira em versos, em que usamos e falamos os pontos e os acentos de maneira própria e particular, ou seja, de forma rítmica exclusivamente brasileira. Desse modo, Mário de Andrade pondera o seguinte, explicando a Carlos Drummond de Andrade:

O outro problema ainda da sua carta é também um sofrimento danado pra gente: a questão da ortografia. Resolver tudo de uma vez é impossível. Cada problema novo que te aparecer me mande

que responderei. A base da minha ortografia atual é a reforma ortográfica tão útil que se fez em Portugal. Acho essa reforma excelente e sobre ela tem o Vocabulário alfabético e remissivo da língua portuguesa por Gonçalves Viana, excelente guia. Um tempo segui inteiramente ele. Agora já estou simplificando ainda mais certos casos que não têm razão de ser pro Brasil. Exemplo: exacto, com c porque abre a vogal anterior. Esse valor da consoante não existe pra nós brasileiros. Ninguém aqui fala contráctar com o primeiro a bem aberto por causa da consoante porém meio aberto apenas. Então tirei essas consoantes inúteis pra nós que a reforma portuguesa conservou porque útil pra eles. Conservo no entanto o c de carácter que agente não pronuncia por causa de caracteres em que vem pronunciado, etc. O acento grave e o acento agudo têm função bem determinada na reforma e utilíssima, grave abre, agudo é tonal assim como o circunflexo. O olhámos tempo passado dos portugueses com a em aberto também ninguém emprega no Brasil a não ser os eruditos. Uso olhámos com circunflexo pra distinguir do olhamos indicativo presente. Não tem razão nenhuma pra abandonar o x nos seus valores atuais, é letra da língua também. Por que não conservar a grafia exame tradicional e que não faz mal pra ninguém? Acentos não uso sempre mais, estou usando só nos casos em que possa ter engano como influência que se pode confundir com a forma verbal grave. Uso dizer-lo por causa do valor consoante do l junto do o, e separo por traço-de-união porque assim os dois valores distintos dizer e o aparecem analiticamente. Uma reforma não pode ser feita unicamente como você pensa pela plástica das palavras porque então cairíamos em individualismo absoluto pois não tem dois gostos iguais. E plástica é preconceito. Se toda a vida a gente visse phyzika olhava pra palavra sem achar antipática a forma dela. O costume aplaina tudo a esse respeito. Digo sossego pessego porque formas tradicionais e que não fazem mal. O importante é não fazer mal e sempre conservar um resquício de inteligência. Torna isso uma escrita não só honesta como ponderada, coisas boas que sossegam e animam quem lê. Isto de sossego psicológico de quem lê é muito importante, importantíssimo mesmo. Quando você lê um escrito na ortografia da nossa Academia logo se sente instável devido à leviandade que originou e organizou essa reforma. Quando forem aparecendo casos me mande os tais, iremos resolvendo juntos. (ANDRADE, Mário de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Op. cit., p. 155-156).

O movimento modernista brasileiro além de se preocupar com as questões estéticas e técnicas da arte literária (e da arte como um todo), achava necessário haver, também, discussões e questões vinculadas ao discurso social (numa via ética e política), principalmente após a Semana de Arte Moderna de 1922, que MA dividiu e chamou de 2ª fase do modernismo brasileiro. E a maneira que achavam pertinente e coerente para se ingressarem no campo social do Brasil na época, era através das filiações em coligações partidárias, ou seja, partidos políticos já existentes dentro do quadro político da República Federativa do Brasil. Em outras

palavras, o movimento modernista brasileiro, tanto pelos escritores artistas, quanto pelos intelectuais e críticos, se pautava nas atividades engajadas entre arte e sociedade (política), em que alguns tentavam mesclar estas duas esferas ao mesmo tempo, dentro de suas artes (em verso ou prosa), ou em suas críticas, e muitos outros que só sabiam fazer uma coisa ou outra, isoladamente. Eram só poetas ou só críticos intelectuais. Isso tudo não foi diferente com Mário ou Drummond, de alguma maneira, assim como não foi para todos os outros modernistas brasileiros, a maioria engajados e envolvidos com os partidos de seus Estados e com o Governo Federal.

Mário de Andrade, em *Aspectos da literatura brasileira* (1978), apresentando a realidade instaurada pelo movimento modernista, vai dizer que estas idealizações construídas e já comentadas alhures é fruto fundamentalmente de três princípios chave e importantíssimos, que são pontos estratégicos para a compreensão do Modernismo literário no Brasil:

O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: O direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional. (ANDRADE, 1978: 242).

MA em cartas a Drummond, respectivamente, em 10 de março de 1926 e em 23 de novembro do mesmo ano, aborda, à sua maneira epistolar, esses princípios fundamentais, essa base sólida, que segundo ele, estabelecia a existência do Modernismo no Brasil, e um modernismo brasileiro, não mais cópias das avant-guards européias. MA falava a CDA, como exemplo disso, para ficar entre as pessoas simples de Itabira do Mato Dentro (quando este estivesse lá), aprender com elas, se atualizar também com elas e se desenvolver (um pouco que seja) estética e conscientemente a arte literária brasileira com elas, numa troca recíproca, em que surgiriam novas percepções e compreensões das coisas existentes no mundo. E tudo isso passível de ser arte literária modernista brasileira. MA parece chegar ao auge desses princípios, chegando à ideia do lirismo poético universal (falando isso a Drummond, embora não com estas palavras), a partir da busca da universalização dos sentimentos, das ideias, das visões e das interpretações particulares do poeta, que tentaria se universalizar dentro de sua arte literária (uma poesia, por exemplo). Seria um processo, segundo Mário de Andrade, que surgiria inevitavelmente dum sentimento particular e terminaria num pensamento comum e universal a todos os seres humanos, brasileiros ou não, porém, nossa universalização teria, com isso, uma marca, uma “pitada” típica brasileira, diferenciando-se das outras típicas universalizações já existentes:

Você aí procure se dar com toda gente, procure se igualar com todos, nunca mostre nenhuma superioridade principalmente com os mais humildes e mais pobres de espírito. Viva de preferência com colonos e gente baixa que com delegados e médicos. Com a

gente baixa você tem muito que aprender embora não pra bancar o primitivista, é lógico. Porém nessa vida você deve de ser terrivelmente egoísta, ame os companheiros de vida mas nunca deixe de por dentro estar observando eles. Faça de todos o seu aprendizado contínuo, não pra espetáculo e pra obter prazeres infamemente pessoais porém pra recriá-los pra aproveitá-los em sublimações artísticas, verso ou prosa, a vida de você e seu destino. (ANDRADE, Mário de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.204).

e:

Desejo de me igualar me desindividualizar, despersonalizar, não pra ser clássico (preocupação que hoje considero besta tanto como ser romântico) porém pra me dar como lirismo de que todos participem e não como espetáculo. Você compreende, meu Carlos e Carlos meu, aquele excesso de reações íntimas, individuais por demais porque subscientes e portanto só minhas, fez de dois livros de poesia meus, um espetáculo e apenas isso. Não discuto se comoventes ou não, creio mesmo que serão comoventes, porém espetaculares. Meu ideal hoje não é mais esse. Minha revolta de Paulicéia, embora alguns tenham sentido também revoltas, não saiu universalizável, é um grito dum homem só, grito meu inconfundível. Ora hoje eu quero gritar de tal forma que meu grito seja o de toda gente. Quero dizer, tornar o menos pessoal possível minhas coisas pra que se tornem gerais. (ANDRADE, Mário de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.260).

Enfim, nessas breves passagens epistolares apresentadas entre os Andrades, pelos anos de 1924 e 1930, aproximadamente, e paralelas as publicações de artigos e ensaios literários de Mário de Andrade em jornais e revistas da época, após 1930, dá-se a perceber a grande capacidade e competência do Modernismo brasileiroiv, capacidade de abalar toda uma estrutura social e competente na criação original de um pensamento legitimamente nacional, sem que se fosse obrigatoriamente representado pelo índio, mas sim pelo brasileiro em geral, de Norte a Sul, de Leste a Oeste do Brasil. De 1922 em diante, o movimento modernista brasileiro, de acordo com Mário de Andrade, vem trazendo consigo novidades e discussões de ordem crítica, proporcionando ao país e as pessoas o direito, a ideia (e a coragem) à pesquisa e à busca de novas experiências, sejam artísticas, científicas ou humanas. O Modernismo, no Brasil, ainda nas ideias de MA, surgiu para preparar toda uma sociedade para uma mudança de pensamentos e valores de ordem geral, artísticas ou meramente sociais, isto é, veio para destruir tabus, para treinar (ou acostumar o pensamento) o gosto do público e para arar os terrenos acolhedores das novas ideias que se criariam.

Ao se pensar na abrangência do Modernismo brasileiro, capaz de debater e apresentar ideias tanto artísticas quanto políticas e sociais, seríamos já capazes de

definir categoricamente e seguramente seu conceito? Ou seja, somos capazes de definir por completo o Modernismo brasileiro a ponto de já criarmos outros termos para as correntes literárias (e gerais) do nosso atual tempo, como, por exemplo, o termo contemporâneo, ou literatura contemporânea? Em Aspectos da Literatura Brasileira (1978) Mário apresenta uma possível resposta para essas perguntas e desse modo, eu gostaria de deixar sua opinião como uma objetiva ideia de instigar um debate a respeito do tempo do Modernismo no Brasil (pelo menos no campo artístico), será que ele já acabou, será que não somos ainda, dentro do século XXI, modernistas? Se sim, por que não, qual seria o problema, seríamos retrógrados perante o “tempo artístico” do mundo?:

Já um autor escreveu, como conclusão condenatória, que “a estética do Modernismo ficou indefinível”... Pois essa é a melhor razão-de-ser do Modernismo! Ele não era uma estética, nem na Europa nem aqui. Era um estado de espírito revoltado e revolucionário que, si a nós nos atualizou, sistematizando como constância da Inteligência nacional o direito antiacadêmico da pesquisa estética e, preparou o estado revolucionário das outras manifestações sociais do país, também fez isto mesmo no resto do mundo, profetizando estas guerras de que uma civilização nova nascerá. (ANDRADE, 1978: 251).

Porém, em uma crítica literária de 7 de janeiro de 1940, MA esboça um pouco esse tempo modernista em que eles se encontram, em que se vivem no momento, principalmente pelo período histórico específico da época, caracterizando um certo progresso de pensamentos, criações e debates artísticos e sociais ao longo dos anos, entre 1922 até o dia dessa publicação. O que faltava ainda, segundo ele, era o Modernismo atingir sua maturidade, chegar à fase adulta para se arraigar e se fixar, apresentando, de fato, um elemento psicológico nacional comum a todos, dentro ou fora da arte. Com isso, após se passarem 72 anos dessa publicação, não estaríamos ainda na busca, ou pelo menos no melhoramento, dessa maturidade artística modernista brasileira? Não seríamos ainda mais modernistas que contemporâneos? MA disse o seguinte na época:

O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e viram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo com grandeza e maior fecundidade, as promessas da aurora. Ficar nas eternas aurorices da infância, não é saúde, é doença. E a literatura brasileira aí está, bastante sã. Adulta já? Quase adulta...” (ANDRADE, 1972: 189).

Referências

- ANDRADE, M. de. **A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **Alguma Poesia – O livro em seu tempo** / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. – São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.
- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 1978.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945** / Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silvano Santiago. – Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.
- ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 1972.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Sentimento do mundo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ARRIGUCCI, Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BARTHES, Roland. **O Grau Zero da Escritura (Lisboa, 1989); “Escritores e Escreventes”**. In.; Ensaio Crítico (Lisboa, 1977).
- BARTHES, Roland, 1915 – 1980. **Roland Barthes por Roland Barthes**; tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **“A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”**. In: Magia e técnica, arte e política. (Ensaio sobre literatura e história da cultura). Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 165-196.
- BOSI, Alfredo. **“As fronteiras da Literatura”**. In: Gêneros de fronteira - cruzamento entre o histórico e o literário. São Paulo: Ed. Xamã, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **“A Vida ao Rés-do-Chão”** in: A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP e Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. Ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981.
- DESCARTES, R. **Carta prefácio aos Princípios da Filosofia**; tradução de Alexandre G. T. de Soares, Educação e filosofia. UFU. v. 19, N. 38, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema** (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p.264-298.
- FOUCAULT, Michel, **O que é um autor**, Lisboa: Passagens/Veja Editora, 1992.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádya Battella (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de Si Escrita da História**. Rio de Janeiro, 7Letras 2007.
- GUIMARÃES, Julio Castañon. **Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- LEJEUNE, Philippe. **Pour l’autobiographie: chroniques**. Paris: Seuil, 1998.
- LIMA, L. C. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- MACHADO, Irene. **“Gêneros discursivos”**. In: Beth Brait. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

- MORAES, Marco Antonio de. **'Abrileirar o Brasil' (Arte e literatura na epistolografia de Mário de Andrade)**. In: Caravelle Cahier du monde hispanique et luso-bresilien. Caravelle nº80, Toulouse, Juin 2003.
- MORAES, M. A. de (org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2. ed., 2001.
- MORAES, Marcos Antonio de. **Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2007.
- NASCIMENTO, Carlos A. R. **Calileu Galilei: Carta a senhora Cristina de Lorena...** Cadernos de história e filosofia da ciência. Cle – Unicamp, n. 5, 1983.
- QUEIROZ, Eça de. **Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas**. Quarta edição. Porto: Lello e Irmão, 1945.
- QUEIROZ, Eça de e Ramalho Ortigão. **O mistério da estrada de Sintra**. (Cartas ao "Diário de notícias") Porto: Lello e Irmão, 1967.
- SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva**. Companhia das Letras 2007.
- SCHILLER, F., 1759 – 1805. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: EPU, 1991.
- SOUZA, Eneida M. de, MIRANDA, Wander M. (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.141-156.
- SÜSSEKIND F., DIAS, T. (Org.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.
- Teresa revista de Literatura Brasileira / área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – nº8/9. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- TIN, Emerson (Org.) **A arte de escrever cartas**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2005.
- UNICAMP. Cadernos de História e Filosofia da Ciência. Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência. 5/1983.
- VOLTAIRE, François M. **A. Cartas inglesas**. São Paulo, Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

Para citar este artigo

SOUSA JUNIOR, Manuel José Veronez. Uma possível representação do Modernismo Literário brasileiro através das epístolas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2., n. 1., Jun. 2013, p. 95-107.

O Autor

Graduou-se no curso de Letras, com licenciatura plena em Português/Francês e suas respectivas literaturas, pela Universidade Federal de Uberlândia, possui mestrado em Letras - Teoria Literária (na linha de historiografia literária), na mesma e já referida universidade. Atualmente trabalha como professor na área de língua francesa, literatura, redação e língua portuguesa, apresentando também publicações em livros, E-books e revistas eletrônicas, sendo de artigos científicos e de caráter artístico-literário (poesia e prosa).

i O movimento modernista. In: Andrade, Mário de. Aspectos da literatura brasileira.. São Paulo, Martins/MEC, 1978, p.231. Antes de fazer parte do livro já mencionado, essa conferência intitulada O movimento modernista, foi primeiro realizada e após impressa e divulgada em 30 de abril de 1942, tendo sido lida por MA no salão de conferências do Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, por iniciativa do Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil. Foi uma conferência comemorativa ao vigésimo aniversário da Semana de Arte Moderna, em que Mário já mostrava uma postura melancólica e desgastante frente ao modernismo brasileiro influenciado por ele e outros da sua época. Percebe-se em seu texto um certo distanciamento e ceticismo crítico em relação ao movimento modernista, dizendo que o momento agora é pensar no novo tempo que está surgindo, cheio de crises e mazelas, tanto do homem, quanto do seu conjunto, chamado de sociedade. Mário afirma o seguinte, por exemplo: “Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade.” (ANDRADE, 1978: 254).

ii A palavra aparece entre aspas trazendo a ideia de publicação de artigos e/ou ensaios, aparecendo dentro de jornais e revistas especializadas, destinadas a uma população especificada, diferentemente das correspondências, que a priori, não possuem um caráter de publicação e/ou divulgação.

iii Tais influências eram tão marcantes que quando os modernistas do Brasil começaram a aparecer para o “público leitor” existente, foram chamados (inclusive por jornais e críticos) de futuristas ao invés de modernistas.

iv Tanto no início dos anos 20, onde começa a se desenvolver com mais força, quanto em meados dos anos 40, em que o Modernismo se encontra um tanto já maduro, porém ainda não totalmente acabado, talvez não se acabando nunca.